

A CONFECÇÃO DE FORNOS À LENHA NO INÍCIO DA COLONIZAÇÃO NA SERRA GAÚCHA

Dr. Sergio Celio Klamt¹

Ms. Marina Amanda Barth²

Introdução

Em vista do licenciamento arqueológico para a construção de Pequenas Centrais Hidrelétricas – PCHs – no Rio das Antas que abrange os municípios de Bom Jesus, Monte Alegre dos Campos Jaquirana e São Francisco de Paula a região foi objeto de estudos arqueológicos. Atendendo a legislação houve o desenvolvimento de atividades de levantamento histórico e potencial arqueológico para a área de abrangência das PCHs Pezzi e Cavalinhos II.

Neste contexto apresentamos no presente artigo vestígios da cultura originários do início do povoamento não indígena na região, elementos esses ainda presentes hoje.

Trata-se de uma técnica de confecção de forno à lenha utilizada pelos primeiros colonizadores na região. É oportuno lembrar também que esses elementos culturais não foram identificados na área de abrangência direta das PCHs. A descoberta ocorreu por ocasião da passagem da equipe de pesquisadores em outros locais e do contato com moradores através de atividades de educação patrimonial.

Síntese da Ocupação da Região

Os primeiros habitantes da Serra Gaúcha foram os indígenas, antecedentes dos atuais Kaingans. Os mesmos deixaram registro de sua presença através dos vestígios presentes em diversos sítios arqueológicos registrados no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Com a colonização portuguesa e espanhola da América, os jesuítas espanhóis fizeram-se presentes no Rio Grande do Sul por meio da catequização dos indígenas reduzindo-os nas missões as quais eram abastecidas pelo gado vacum introduzido pelos mesmos e estava disponível

¹ Arqueólogo responsável pelo projeto. Professor Adjunto e coordenador do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas da Universidade de Santa Cruz do Sul.

² Arqueóloga historiadora Assistente de Pesquisas no Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas da Universidade de Santa Cruz do Sul

nas vacarias (do Mar e Pinhais). Posteriormente, o Rio Grande do Sul passa a despertar interesse das regiões mineradoras de outros estados e dos paulistas tendo em vista a possibilidade da exploração do gado deixado pelos jesuítas nas vacarias e de muares para o transporte, conforme Benadio.

O longínquo sul, com seus rebanhos de gado, passou a ganhar importância pela possibilidade de vir a constituir-se numa economia de apoio a economia central de exportação. Já nessa época, pela experiência comprovada dos mineradores espanhóis dos Andes, a mula era sabidamente o animal ideal para o transporte de cargas. Antigos criatórios de mulas eram mantidos pelos espanhóis nas terras das margens direita do rio Uruguai – em Corrientes, Entre Rios e outras províncias que iam até o Paraguai -, e que forneciam esses animais para as minas de prata do Potosi. À época da ascensão do ouro brasileiro declinavam as minas de prata espanholas. O destino lógico daqueles muares seria portanto o mercado das Gerais. (BENADIO,1984,p.18).

No período da extração do ouro, Minas Gerais necessitava de mulas para o transporte do minério e de gado para alimentação dos escravos – o gado vacum e os muares eram fonte lucrativa no comércio das feiras de São Paulo. O produto era trazido pelos tropeiros pelo Caminho das Tropas que ligava São Paulo e Rio Grande do Sul. Entre as rotas utilizadas tem-se:

A “Estrada da Praia” era rota litorânea dos animais trazidos da Colônia do Sacramento, na foz do Rio da Prata, até Laguna onde o gado era embarcado para o porto do Rio de Janeiro.

Caminho de Viamão, também designado de “Estrada Real”, a mais utilizada, a partir de Viamão, atravessava os campos de Vacaria, Lages, Curitiba, Papanduva, Rio Negro, Campo do Tenente, Lapa, Palmeira, Ponta Grossa, Castro, Piraí do Sul, Jaguariava, Sengés, Itararés, alcançando Sorocaba.

O Caminho das Missões partia dos campos de São Borja, seguia por Santo Ângelo, Palmeira das Missões, Rodeio, Chapecó, Xanxerê, Palmas, onde bifurcava por União da Vitória e Palmeira, e por Guarapuava, Imbituva e Ponta Grossa.

O Caminho da Vacaria, que interligava Cruz Alta a Vacaria no Caminho do Viamão, passando por Passo Fundo e Lagoa Vermelha.

SÍNTESE DOS CAMINHOS HISTÓRICOS
DAS TROPAS EM PROJEÇÃO RETILÍNEA
SÉCULOS XVII E XVIII



Fonte: Bom Jesus e o Tropeirismo no Cone Sul. (2000, contra-capá)

No percurso do Caminho das Tropas a necessidade de paradas para descanso, a espera do cessar da chuva ou diminuição do nível do rio, bem como pasto para os animais, exigia pernoites e alimentação dos tropeiros. Famílias foram se estabelecendo, dedicando-se ao cultivo e ao comércio para atender os viajantes fazendo surgir pequenas povoações.

Assim juntaram-se aos indígenas, os portugueses, italianos, alemães e negros. As famílias colonizadoras vieram de diferentes cidades, estados e países, trazendo consigo costumes, hábitos e usos perceptíveis nas edificações, música, dança, culinária. É o registro de sua história e cultura.

Os Antigos Fornos à Lenha

O presente artigo visa propiciar um exercício de reflexão sobre as formas de pensar e agir das sociedades humanas do passado e o reflexo sobre as atuais.

No caso específico está o registro da técnica de construção de forno à lenha provavelmente já utilizada na época do surgimento dos primeiros povoados na região. O que chama a atenção não é o modelo do forno, mas sim a forma rudimentar de sua construção desde a escolha da matéria prima e os meios utilizados. Igualmente é importante salientar que o modelo se perpetuou na região ao longo do tempo, estando presente em muitas propriedades no interior dos municípios. O que sofreu alteração foi a matéria prima e os meios de construção. Atualmente inclusive pode ser adquirido em ferro fundido ou até pré-moldado.



Ilustração de forno pré-moldado



Ilustração de forno em ruínas

Na época em que os primeiros fornos foram construídos, não havia a disponibilidade dos recursos atuais como rodovias, meios de transporte bem como os tijolos atualmente utilizados na construção dos mesmos. Por isso foram utilizadas pedras e barro do próprio local para sua construção. É o registro dessa técnica para as gerações futuras o objetivo principal da cartilha.



Forno atual construído com tijolo



Forno atual construído com tijolo

Etapas de Construção do Forno à Lenha

Escolha das pedras e da argila.

Etapa em que são recolhidas pedras nos arredores do local onde será erguido o forno. Para a base são utilizados blocos maiores e para as paredes blocos e seixos menores. A argila é previamente amassada.



Escolha dos blocos e seixos rochosos



Preparação do barro para assentar os seixos

Preparação da base

Etapa em que são colocados os blocos maiores para formar a base que sustentará o forno. Os espaços vazios são preenchidos com terra.



Início da construção com a colocação dos blocos

Início da construção com a colocação dos blocos



Preenchimento do espaço vazio com terra

Preparação da base do forno



Base pronta para receber as paredes do forno

Assentamento das pedras

Etapa em que as paredes do forno são erguidas com os seixos menores utilizando barro amassado. Na base do forno fica uma abertura (porta) onde é colocada a lenha para o fogo e também os alimentos a serem preparados. No lado oposto da porta, próximo ao final superior da parede, uma pequena abertura que serve como chaminé.



Levantamento das paredes utilizando barro amassado Abertura frontal do forno (porta).



Pequena abertura na parte superior do forno que serve como chaminé

Colocação de suporte interno na segurar as paredes

À medida que a parede é levantada vai formando um arco para o fechamento do forno. Para que a parede não desmorone é necessário que se coloque um suporte interno que segure a parede até que seja feita a queima do forno. Para suporte são utilizados cipós existentes nas matas.



Colocação de armação interna com cipó para segurar as paredes antes da queima

Conclusão do forno

Depois de levantada a parede, é feita a chamada “queima do forno”. Consiste em colocar fogo até que as paredes sequem completamente e formem uma camada dura e firme semelhante a um tijolo. Com isso o forno se manterá em pé sem necessidade de armação ou escora.



Forno pronto após a queima para secagem das paredes

Referencias

BENADIO, Geraldo (Org.). O Tropeirismo e a Formação do Brasil. Sorocaba: Academia Sorocaba de Letras, 1984.

HERBERTS, Ana Lucia. Arqueologia no Caminho das Tropas: estudo das estruturas viárias remanescentes entre os rios Canoas e Pelotas, SC. Tese de Doutorado. PUCRS, 2009..

KLAMT, Sergio Celio. Projeto de Salvamento e Preservação do Patrimônio Arqueológico na Área de Implantação da Pch Serra dos Cavalinhos II, Municípios de Bom Jesus, São Francisco de Paula e Monte Alegre dos Campos, RS. IPHAN, 2012.

KLAMT, Sergio Celio. Programa de Monitoramento Arqueológico e de Educação Patrimonial na Área de Implantação da PCH Pezzi, Rio das Antas, RS. IPHAN, 2012.

RODRIGUES, Elusa M.S. (Org.). Bom Jesus e o Tropeirismo no Cone Sul. Porto Alegre: EST Edições, 2000.

SOARES, A.L.R. & KLAMT, S. C., Educação Patrimonial: Teoria e Prática. Santa Maria, RS : Editora UFSM, 2008.